Desafíos Metodológicos de la Corporalidad en la Investigación.

Dornelles De Almeida, Dóris.

Cita:

Dornelles De Almeida, Dóris (2014). *Desafíos Metodológicos de la Corporalidad en la Investigación*. XI Congreso Argentino de Antropología Social, Rosario.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-081/1180>

Desafios da Corporalidade na Pesquisa Científica

Challenges of Corporality in the Scientific Research

Resumo

O objetivo desta pesquisa é explorar, problematizar e discutir os desafios da corporalidade no âmbito da metodologia de pesquisa. A pesquisa foi desenhada na lógica qualitativa-interpretativa, com caráter exploratório-descritivo. Duas fontes de informação foram privilegiadas: (a) documentos existentes (pesquisas sobre corporalidades publicadas na forma de teses, dissertação e artigos) e (b) entrevistas com pesquisadoras especialistas sobre corporalidade. Os sete desafios – resultados da pesquisa – são formulados, descritos e discutidos em torno de três momentos-chaves do processo metodológico: (a) planejamento da pesquisa, (b) interação com campo de pesquisa e (c) análise do material empírico.

Palavras-Chave: metodologia de pesquisa, corporalidade, estudos organizacionais, etnografia.

Abstract

The main goal of this research is to explore, problematize, and discuss the embodiment challenges to research methodology. Characterized by its descriptive and exploratory nature, this research is designed from qualitative-interpretative tradition. Two key sources of information are highlighted: (a) documents (embodiment researches published as thesis, dissertations and articles) and (b) interviews with embodiment scholars. As research results, seven challenges are formulated, described and discussed. They are structured around three key moments of the methodological process: (a) research planning, (b) interaction with empirical material (c) analysis of empirical material.

Key-Words: embodiment; methods; organization studies; ethnography.

Introdução

A relação subjetiva entre pesquisador e pessoas pesquisadas foi discutido de várias maneiras no campo da produção acadêmica sobre metodologia de pesquisa. A subjetividade tem forte influência nos procedimentos metodológicos, sustentando a produção de sentido (Rey, 2005). Por exemplo, Alvesson (2011) e Geertz (2005) falam de ‘interação’ ao invés de ‘coleta de

dados', considerando o pesquisado como um parceiro durante o processo de pesquisa. Pesquisador e pesquisado nutrem, assim, diálogo reflexivo, o que conduz ao desenvolvimento de melhores teorias. Outros pesquisadores destacam a riqueza e relevância do processo e da relação entre pesquisador e pesquisado para se refinar a construção de conhecimento, a respeito das questões de representação, emocionalidade, significação, discurso e linguagem (Gubrium e Holstein, 1997; Denzin e Lincoln, 2000; Gergen e Gergen, 2000; Alvesson e Skoldberg, 2009).

No entanto, pouco se discute sobre questões metodológicas oriundas da corporalidade (*embodiment*), sobretudo em um momento no qual essa temática vem ganhando cada vez mais espaço na pauta da pesquisa acadêmica (Csordas, 1988; Boltanski, 1989; Crossley, 1995; Barry e Hazen, 1996; Kerfoot e Knights, 1996; Trethewey, 1999; Bahnisch, 2000; Hassard, Holliday e Willmott, 2000; Victora, 1997; Dale, 2001, 2005; Holliday e Hassard, 2001; Rabelo e Alves, 2001; Citro, 2002, 2009, 2011, 2012; Monaghan, 2002; Schilling, 2002; Prasad e Prasad, 2002; Küpers, 2005; Merleau-Ponty, 2005; Rey, 2005; Sinclair, 2005; Corbett, 2006; Flores-Pereira, 2010, 2011; Hindmarsh e Pilnick, 2007; Wainwright, Williams e Turner, 2007; Flores-Pereira, Davel e Cavedon, 2008; Alvesson e Skoldberg, 2009; Yebema, Yanow, Wels e Kamstreg, 2009; Pink, 2009; Harquail e King, 2010; Mceven, 2012; Dornelles de Almeida e Flores-Pereira, 2013). Corporalidade remete a relação fundamental e inseparável que se estabelece entre corpo e mundo sócio-histórico-cultural. Do ponto de vista ontológico, rejeita-se a dicotomia corpo e mente e o paradigma mental racional cognitivo, na medida em que a pessoa é associada ao seu corpo e ao mundo o qual vivência (Csordas, 1988, 1994; Crossley, 1995; Dale, 2001; Flores-Pereira, 2010; Dornelles de Almeida, Flores-Pereira, 2013). No entanto, poucos estudos se dedicam a discutir e propor uma reflexão metodológica que integre a temática da corporalidade (Pink, 2009; Citro, 2002, 2009).

O objetivo desta pesquisa é, portanto, explorar, problematizar e discutir os desafios da corporalidade no âmbito da metodologia de pesquisa. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa foi desenhada dentro da lógica qualitativa, exploratório-descritiva e interpretativa (Prasad e Prasad, 2002), baseando-se em experiência de pesquisa empírica de pesquisadores voltados para a problemática da corporalidade. Duas fontes de informação foram privilegiadas: (a) documentos existentes (pesquisas empíricas – publicadas na forma de teses, dissertações, artigos) relatando a consideração da corporalidade no processo de pesquisa e (b) entrevistas semiestruturadas com pesquisadores que realizaram pesquisa empírica com base na teoria da corporalidade. A análise dessas informações conduziu o estabelecimento de uma série de

desafios formulados, descritos, discutidos e organizados em torno de três momentos-chaves do processo metodológico: (a) planejamento da pesquisa, (b) interação com o material empírico e (c) análise e interpretação do material empírico. Além disso, foi possível constatar que a etnografia é uma abordagem metodológica privilegiada pelos pesquisadores da corporalidade.

1. A Pesquisa sobre Corporalidade: Potencialidades

A “presença ausente” do corpo nos estudos organizacionais (Matos, 1984; Hetrick e Boje, 1992; Barry e Hazen, 1996; Trethewey, 1999; Bahnisch, 2000; Hassard, Holliday e Willmott, 2000; Victora, 1997; Dale, 2001; Holliday e Hassard, 2001; Citro, 2002, 2009, 2011, 2012; Monaghan, 2002; Styhre, 2004; Ball, 2005; Dale, 2005; Küpers, 2005; Sinclair, 2005; Flores-Pereira, 2007; Flores-Pereira, Cavedon e Davel, 2007; Hindmarsh e Pilnick, 2007; Wainwright, Williams e Turner, 2006, 2007; Flores-Pereira, Davel e Cavedon, 2008; Slutskaya e De Cock, 2008; Flores-Pereira, 2010; Harquail e King, 2010; Rosa e Brito, 2010; Flores-Pereira, 2011, Dornelles de Almeida e Flores-Pereira, 2013) tem sido problematizada principalmente em trabalhos acadêmicos a partir desse início de século. Baseados na tradição filosófico-científica, nesses estudos, o conhecimento é aquele extraído de uma mente pensante, no qual a característica distintiva de ser humano é o pensamento.

Contrapondo-se a essa exclusão do corpo como algo constituinte da própria existência humana e da formação do mundo estão os pioneiros estudos do antropólogo funcionalista Marcel Mauss (2003), assim como os estudos do filósofo fenomenológico Merleau-Ponty (2004, 2005). É a partir da produção desses dois autores que o estudo do corpo ultrapassa a estrutura biológica para ganhar campo fértil nas Ciências Sociais (Young, 1980; Scheper-Hughes e Lock, 1987; Viveiros de Castro, 1987; Csordas, 1988, 1994; Boltanski, 1989; Fischler, 1995; Wacquant, 1998; Victora, 1999, 2000; Victora, 2000; Dale, 2001; Citro, 2002, 2009, 2011, 2012; Goldenberg, 2002; Le Breton, 2002a, 2002b; Leitão, 2002; Mauss, 2003; Rabelo e Souza, 2003; Schilling, 2003; Wainwright e Turner, 2004; Wainwright, Williams e Turner, 2006, 2007; Rabelo, Mota e Almeida, 2009; Eltz, 2011), se estendendo para a Filosofia, Psicologia, Educação (inclusive Educação Física), História e, mais recentemente, a Administração.

Corporalidade, nas Ciências Sociais, significa estudar a relação imbricada entre o corpo e o mundo sócio-histórico-cultural. É uma perspectiva de estudo do social originária de uma ontologia na qual a pessoa não é, pelo menos não apenas, uma mente, uma razão, uma

subjetividade. “Ela ‘é’ o próprio corpo, um corpo pessoa, vivendo primeiramente em um mundo de prática e não de abstração.” (Flores-Pereira, 2010, p. 422). Uma compreensão ‘corporalizada’ da vida social-organizacional humana se baseia na experiência corporal diária, no reconhecimento da noção de corpo como centro da experiência humana e no modo como os corpos são empregados, treinados, educados e usados nos espaços, inclusive o de trabalho (Styhre, 2004).

O termo *embodiment* não foi ainda traduzido de forma consensual em língua portuguesa, sendo empregado de forma variada pelos pesquisadores brasileiros. A pesquisa antropológica de VÍctora (1999) se remete à expressão ‘experiência cultural incorporada’. O artigo de Rabelo e Alves (2001), mais calcado nos estudos fenomenológicos fala de ‘filosofia da encarnação’. A tradução brasileira de um livro do antropólogo Thomas Csordas utiliza o termo ‘corporeidade’. No campo da Administração, encontra-se o uso do termo ‘corporeidade’ (Flores-Pereira, 2010, 2011). Escolheu-se, para fins deste artigo, o termo ‘corporalidade’ (Eltz, 2011) por este ter sido um termo indicado pelas pesquisadoras (brasileiras e uma argentina) entrevistadas nesta pesquisa, consideradas como autoridades no assunto.

No decorrer desta pesquisa, observamos a abordagem etnográfica como o método mais utilizado para refletir e discutir sobre as repercussões metodológicas da corporalidade. Mesmo se a etnografia foi inicialmente concebida para estudar a cultura de um ponto de vista representacional, ela tem sido adaptada para propósitos fenomenológicos (Pink 2009; Ybema e outros, 2009). Nesse sentido, ela requer uma “atitude” diferente do pesquisador, pois requer atenção para a corporalidade presente, inclusive na informação escrita ou verbalizada (Csordas, 1999). A etnografia pode, então, considerar como ponto de partida a sensorialidade da experiência de pesquisa (Pink 2009), considerando não somente a corporalidade dos pesquisados, mas também do próprio pesquisador. Apesar da metodologia etnográfica caminhar para a inclusão da corporalidade como pauta de aprimoramento das questões metodológicas de pesquisa, isso ainda não se generalizou dentro de uma reflexão metodológica mais ampla.

Frente à inexistência de trabalhos com discussões sobre os procedimentos metodológicos para tal tipo de investigação, a seguinte proposta se torna prioritária: Quais são os principais desafios metodológicos ao se valer da corporalidade como dispositivo empírico para a construção do conhecimento?

2. A Pesquisa sobre Corporalidade: Desafios

2.1 Sobre o Método

O presente estudo, de caráter qualitativo, exploratório-descritivo e interpretativo (Prasad e Prasad, 2002), privilegiou as seguintes fontes de informação: (a) documentos existentes (pesquisas empíricas – publicadas na forma de teses, dissertações, artigos) relatando a consideração da corporalidade no processo de pesquisa e (b) entrevistas semiestruturadas com seis pesquisadoras com experiência teórico-empírica no estudo sobre corporalidade. Além disso, o enfoque recaiu sobre a abordagem etnográfica, por esta ser a utilizada por grande parte dos estudiosos da corporalidade (Csordas, 1988; VÍctora, 1997, 1999; Citro, 2002, 2009, 2011, 2012; Sinclair 2005; Flores-Pereira, Davel e Cavedon, 2008; Pink, 2009; Eltz, 2011; Dornelles de Almeida, 2012).

No campo das Ciências Sociais foram entrevistadas duas pesquisadoras (brasileiras e uma argentina) da Antropologia que estudam questões de corporalidade desde meados da década de 1990. No campo das Ciências Sociais Aplicadas foram entrevistadas três pesquisadoras (uma inglesa e duas brasileiras) da Administração, que estudam a corporalidade desde 1995, 2005 e 2012, respectivamente. As entrevistas exploram em detalhe a experiência teórico-empírica de pesquisa voltada para a corporalidade. Por isso, optou-se por construir um roteiro de entrevista personalizado, levando em conta uma ou duas experiências de pesquisa de tais estudiosas. Para a construção desses roteiros, elegemos e analisamos textos já publicados pelas respectivas pesquisadoras.

O conjunto das fontes de informação – seis entrevistas transcritas e doze textos (dois livros, uma dissertação, oito artigos publicados em revistas acadêmicas, um artigo publicado nos anais de encontro científico) – foram analisados e interpretados buscando identificar, elencar, problematizar e descrever os diversos tipos de desafios enfrentados pelo pesquisador. O processo de análise foi guiado por três eixos: (a) planejamento da pesquisa (o momento no qual se busca entender a relação de pesquisa considerando-se a corporalidade), (b) interação com o material empírico (momento no qual o pesquisador vivencia a relação de pesquisa empírica considerando a corporalidade existente entre ele e as várias pessoas da pesquisa) e (c) análise e interpretação do material empírico (momento no qual os resultados da pesquisa são produzidos levando-se em consideração a corporalidade).

2.2 Planejamento da Pesquisa (Compreendendo a Relação de Pesquisa)

A parte inicial de todo processo de pesquisa é a compreensão da teoria que lhe servirá de fundamento. O estudo da perspectiva da corporalidade não se distancia desse pressuposto e, ainda, apresenta uma especificidade: a necessidade de seu leitor estar disposto a compreender as relações estabelecidas entre pessoa e mundo a partir de uma ontologia e epistemologia menos dicotômica, mais fluida e entrelaçada. Nesse sentido, as pesquisadoras entrevistadas ressaltam a importância dos **antecedentes teórico-empíricos**, que funcionam como uma “porta de entrada” para o estudo da corporalidade.

Os antecedentes teórico-empíricos referem-se ao histórico de estudo, trajetórias individuais de pesquisa das pesquisadoras. Certas leituras (ou pesquisas) antecedem o contato do pesquisador com a temática da corporalidade. O antecedente da pesquisadora C é sua dissertação de mestrado, na qual já trabalhava com a questão do corpo, porém tratando “as representações de um certo tipo de corpo, um tipo de corpo estático”. A pesquisadora S, antropóloga e bailarina explica sobre a questão da dimensão experiencial:

“afetou o que eu sinto quando eu danço, [...] dança não é uma experiência somente de forma, senão de dizer o que acontece a alguém quando se move. Quando eu ia perguntar sobre o ‘gozo’, ia diretamente à experiência, [...] quando falo de experiência, falo de sensações e emoções. Uma análise sobre o não verbal, por exemplo, somente das formas dos gestos, para mim estaria vazia, porque falta a dimensão experiencial”

Com ampla atuação como antropóloga, a pesquisadora M, menciona um “olhar” para questões menos racionais, mais “preocupada com a questão da prática e da vida cotidiana.” Dentro desse contexto de estudo da prática cotidiana, a pesquisadora começou a se interessar pela questão do corpo “por que a questão ia aparecendo quando *a gente* reflete sobre a prática”.

Para as pesquisadoras da área da Administração, que vem estudando o tema da corporalidade no campo do trabalho e das organizações, o contato com tal temática é um pouco mais direto. A pesquisadora K escreveu uma tese e um livro sobre corporalidade e espacialidade. Ela conheceu os estudos de corporalidade a partir de sua participação na disciplina Antropologia do Corpo e da Saúde, em um contexto no qual iniciava seu doutorado.

A pesquisadora D, por sua vez, possuía como antecedente uma curiosidade sobre o fenômeno da cultura, ou seja, “se o processo de aquisição cultural das pessoas em uma sociedade/grupo

ocorre de modo passivo/ativo”. Buscava uma compreensão mais ampla das relações socioculturais.

Uma segunda fase desse processo de compreensão da relação de pesquisa se refere à **leitura e entendimento da epistemologia da corporalidade**, fomentando um entendimento mais integrado (questão ontológica).

A pesquisadora C considera primordial o pesquisador se embasar teoricamente para desenvolver o olhar adequado. Durante a análise do material empírico, ela entendeu a necessidade de uma ampla compreensão epistemológica da corporalidade.

Para a pesquisadora K, o entendimento da epistemologia da corporalidade é fundamental. Para S sua escolha teórica ocorreu em função da:

[...] dificultad de las Ciencias Sociales de creernos en muchos conceptos fundamentalmente cuando hablo de Embodiment, de Corporalidad estoy pensando más una línea Fenomenológica; cuando hablo de Prácticas estoy pensando más en la línea de Bourdieu, también de Foucault, que Foucault habla de Disciplina: una Disciplina es un tipo de Práctica, y cuando hablo de Performances, estoy retomando más los estudios del Ritual, los estudios de la Performance que vienen más del campo del arte [...] tres campos teóricos distintos pero que justamente lo que tienen en común es que todos pusieron en el centro de la indagación, la Corporalidad, el Cuerpo, me parece que ese es el hilo común que lo atraviesa [...] desde la imagen corporal, de cómo la manera en que nosotros nos constituimos nuestra imagen, afecta al otro, el uso del espacio que hacemos, la gestualidad, la manera de mirarnos de afectar las emociones, es ver como todo eso también construye un sentido en las relaciones sociales. [...] esos cuerpos tienen toda una historia detrás [...] ver como esos cuerpos llegaron a ser lo que hoy son, ver la “Genealogía” de la corporalidad

Todavía, os pressupostos ontológicos e epistemológicos dos estudos de corporalidade não chegaram de forma nítida para a pesquisadora T. Esta pesquisadora por muito tempo ficou lendo o seu material empírico – um estudo sobre a cultura organizacional e rituais extra laborais – pensando sobre o conteúdo da teoria de corporalidade presente naquele material. Apesar desse desejo de pensar o campo a partir da perspectiva da corporalidade, ela comenta sua tendência em utilizar um processo de análise mais simbólico (qual o significado do

ritual?) e funcionalista (qual é a função do ritual?). Analisando, portanto, o quanto foi difícil ultrapassar esses dois princípios bastante tradicionais nos estudos antropológicos e organizacionais sobre rituais. Para ser capaz de efetivamente adotar a postura da corporalidade frente ao material empírico, ela releu várias vezes um material teórico.

A pesquisadora M, por outro lado, não oferece maiores destaques sobre esse tema do aprendizado da perspectiva da corporalidade, talvez pelo fato de ter tido contato com a questão do corpo já em um contexto no qual considerava a temática da prática. Já a pesquisadora D comenta sobre a importância da leitura e do contato anterior com o paradigma da corporalidade.

Se a leitura e compreensão prévia de uma teoria é algo importante para qualquer pesquisa científico-acadêmica, em pesquisas sobre corporalidade isso aparece de forma ainda mais incontornável. A partir de uma profunda compreensão dessa teoria o pesquisador começa a entender que mais do que uma diferente teoria para estudar o social (e, portanto, o organizacional) se trata de uma postura epistemológica de entendimento do mundo. O ponto nevrálgico para a construção desta postura é a compreensão sobre o princípio ontológico acerca da concepção do ser humano e da relação deste com o mundo se diferencia em relação à moderna e, principalmente, ocidental concepção da pessoa separada de si mesmo (a mente como a essência do que é ser humana) e do mundo (a dicotomia sujeito-objeto). Os estudos da corporalidade, diferentemente, operam no sentido de estudar uma pessoa integrada consigo mesma (corpo e mente indissociáveis), com os outros e o mundo (relação entrelaçada entre pessoa e mundo).

Desse modo não se refere “apenas” a uma leitura de uma teoria, mas sim a compreensão – preferencialmente praticada e corporalizada – de uma outra forma de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o mundo. **Dois desafios** metodológicos podem, portanto, ser formulados. **O primeiro** é o desconhecimento epistemológico de teorias que consideram a corporalidade dificultando o planejamento de uma pesquisa inclusiva dessa dimensão em seu processo. **O segundo desafio** refere-se à aplicação do conhecimento epistemológico. Quando o pesquisador só conhece a epistemologia na teoria, sem se relacionar com a corporalidade do campo de pesquisa, isso pode enfraquecer sua capacidade de captar a riqueza corporal oferecida pelo campo. Assim sendo, estudar a corporalidade torna-se possível quando se tem uma compreensão epistemológica do que implica a corporalidade na vida cotidiana, assim como é facilitada quando esta compreensão epistemológica foi praticada em pesquisas pretéritas.

2.3 Interação com Campo de Pesquisa (Vivenciando a Relação de Pesquisa)

Um outro momento importante da pesquisa teórico-empírica se refere ao processo de interação com o campo. As experiências de pesquisa das entrevistadas ressaltam a necessidade do pesquisador aprender a estar em campo: leitura e treino; a importância da familiaridade com o campo empírico, e o valor de se desenvolver uma sensibilidade no uso das técnicas.

A questão do **aprendizado sobre estar em um campo etnográfico** é muito amplo e já suscitou a confecção de uma diversidade de material teórico-metodológico desde o texto mais funcionalista de Malinowski (1976), passando pela etnografia descritiva de Geertz (2005), pelas etnografias dos espaços de trabalho e organizacionais de Van Maanen (1988) e até mesmo pela etnografia sensória de Pink (2009). Quando se fala, entretanto, de uma etnografia contendo a corporalidade como referência empírica, a orientação oferecida pela pesquisadora C é o foco em leituras etnográficas da Antropologia do Corpo, pois mesmo que não sejam textos sobre metodologia, são objetos privilegiados para pensar isso. Para ela, “as pessoas precisam ler as entrelinhas das etnografias”.

Por outro lado, a pesquisadora C pondera que existem outros aprendizados, que vão além da leitura e incluem a prática da pesquisa de campo. A pesquisadora M fala de sua própria prática de pesquisa de campo para estudar a corporalidade. Explicando que mesmo obtendo conhecimento prévio com referência a Fenomenologia não estava certa de como aplicá-lo. Por meio de progressivas experimentações e testes, ressalta que “é algo que *a gente* vai aos poucos experimentando, vai testando possibilidades”.

A questão da **familiaridade com o campo empírico** para a construção de uma compreensão corporal apareceu de diferentes maneiras nas entrevistas das pesquisadoras. A pesquisadora D comenta sobre a importância dessa familiaridade com o campo para a compreensão da corporalidade dos bailarinos de companhias de dança. Ela explica que sua vivência como bailarina tinha auxiliado a traçar um paralelo com experiências que já tinha vivido, ou seja, a perceber na dança questões *embodied*, como as posturas eretas, as sensações de dor, prazer, toques, energias e presença.

A pesquisadora K salienta também a influência de sua familiaridade (experiência prévia) como administradora, antes de se tornar pesquisadora, o que revela sua preocupação em fundamentar seu trabalho nas experiências vividas. Além disso, K aponta a importância da percepção/consciência da presença *embodied* do pesquisador em campo sobre a pesquisa.

O fato de pesquisar o mesmo campo no qual se vive é apresentado como uma dificuldade segundo a pesquisadora S. Relata um processo de alcançar suficiente familiaridade com o campo, “amplitud con el otro, para que el otro se anime a preguntarme cosas. Me parece que esas situaciones son muy ricas a nivel del trabajo de campo, digamos, salir de ese lugar de que uno es el etnógrafo, del cual nada sabe el outro, porque es una situación muy desigual, de poder”. Neste sentido S fala da questão do tempo permanecido no campo. Os primeiros trabalhos de campo foram em recitais de uma banda de rock de Buenos Aires (Bersuit Vergarabat) e em grupos indígenas Tobas (performances rituais) no norte da Argentina. O foco das pesquisas de S concentrou-se nestas distintas linguagens corporais cênicas e na transmissão de sentidos, significações através da performance.

A pesquisadora T faz uma breve comparação entre dois de seus trabalhos etnográficos – o primeiro em uma livraria de *shopping center* e o segundo em uma cozinha de restaurante – sobre seu segundo trabalho etnográfico embora ela estivesse mais madura em relação ao material teórico da corporalidade, ela viu “menos *embodiment* na cozinha do que na livraria.” Em um momento de seu relato, ela própria se questiona: “Essa dificuldade surgiu da minha pouca familiaridade com o ambiente da cozinha? Eu consegui ver mais *embodiment* na livraria devido à minha familiaridade com esse *ethos/pathos*?”.

A pesquisadora C, por outro lado, revela que a questão da familiaridade com o “objeto” de pesquisa não é algo tão simples. Suas informantes, mulheres de camadas populares há pouco haviam ganhado neném, falavam de “uma certa ‘mãe do corpo’” a qual foi tratado pela pesquisadora C como um daqueles “dados inesperados da Antropologia que *a gente* tem que estar sempre aberto”. As mães pesquisadas, entretanto, ficavam surpresas ao perceber a falta de conhecimento da pesquisadora C sobre a ‘mãe do corpo’, perguntando se ela era mãe, como ela nunca havia sentido a ‘mãe do corpo’. A pesquisadora C comenta já ser mãe no momento da pesquisa e aos poucos perceber que para sentir a ‘mãe do corpo’ não era necessário apenas ser mãe biológica, mas sim ser mãe biológica em uma camada social diferente da sua de origem. Na interpretação antropológica da pesquisadora C, portanto, a ‘mãe do corpo’ é um órgão êmico sentido e se significa a partir de um contexto sociocultural específico, ou seja, mães de grupos sociais mais populares.

A pesquisadora M, de maneira mais definitiva, relaciona familiaridade com possibilidade de compreensão do campo. Ela afirma: “se você ainda não está familiarizado com aquela prática, você é capaz de ver muito pouco. Quanto mais a gente é familiarizado com a prática, mais vemos o que é a prática”. Assim, a partir dessas experiências e compreensões das

pesquisadoras entrevistadas pode-se entender um pesquisador com vivência corporal sobre sua pesquisa pode melhor apreender as sutilezas do campo de pesquisa no que diz respeito à corporalidade.

Dentro da vivência do campo empírico no qual se busca considerar as corporalidades, a **sensibilidade no uso das técnicas de pesquisa** para o estudo desta teoria é um desafio importante. Três ideias emergem da análise do material empírico: (a) a observação sensorial vai além do olhar, incluindo a proximidade com o campo; (b) o questionamento experiencial vai além da explicação (por exemplo, ao invés de se perguntar sobre o pensamento das pessoas ou como elas entendem uma determinada situação, busca-se conhecer o sentimento delas, como elas “experienciam” determinada situação); (c) a descrição imediata vai além da conformidade a um padrão preestabelecido de reflexão ou racionalidade, requer mudar a ênfase da reflexão sobre o campo empírico, distanciando-se de uma busca do significado das coisas, buscando, diferentemente, atentar e descrever o que está acontecendo no espaço do espontâneo, do imediato.

A **observação sensorial** significa o reconhecimento consciente da mobilização de outros sentidos – além da visão – durante o processo de observação de uma prática ou situação empírica. Para que isso ocorra, a proximidade com o campo é fundamental. Nesse sentido, o método etnográfico vem demonstrando ser privilegiado uma vez que implica em uma ampla convivência do pesquisador com o campo de pesquisa. Tanto a pesquisadora T, quanto a pesquisadora M acreditam no momento no qual o pesquisador começa a compreender o campo de pesquisa como um tempo/espaço de vivência – e não apenas um tempo/espaço de coleta de dados/informações – ele acaba por criar “uma porta para compreender a vivência do outro”.

Uma experiência nessa direção é relatada pela pesquisadora T, durante sua etnografia do ritual extra laboral. Ao observar e participar do ritual, ela vivenciava a alegria, a criatividade, a ironia, a raiva. Ela se entregou corporalmente ao ritual e isso foi fundamental para que realizasse uma observação ultrapassando a simples descrição visual de algo. A pesquisadora T relata que esse tipo de observação ajudou a perceber melhor quem eram as pessoas envolvidas na pesquisa de campo, pois ela vivenciava a realidade destas a partir de sensações compartilhadas (desejo de fumar, vontade de interagir corporalmente com o grupo, dançando, abraçando, vontade de não voltar para casa).

Para a pesquisadora K foi fundamental em sua observação sensorial o fator tempo ao interagir com o campo de pesquisa (oito anos) e também a estrutura arquitetônica do campo de

pesquisa ser toda de vidro transparente e aberta, permitindo a visualização múltipla das relações entre os pesquisados. Desse modo, K percebeu uma linguagem de sinais criada e usada entre os pesquisados na empresa. Além disso, a pesquisadora S expressa a importância da observação sensorial, bem como a aproximação e distanciamento em campo, durante o processo de pesquisa. S explica como este processo influenciou a sua percepção sobre um de seus achados em campo, o *'ntogaknhok'* (gozo no ritual das danças dos indígenas Tobas).

A pesquisadora S reforça ser imprescindível a vivência do pesquisador na dinâmica do grupo, tornando-se parte dele, e a partir disso problematizar sobre a observação sensorial proporcionada por estas situações. Além disso, ela aprofunda sua teorização sobre a experiência corporal, escrevendo sobre a metodologia do fazer etnográfico.

Outro desafio emergente é a técnica do *questionamento experiencial*, o qual envolve a mudança de foco dos questionamentos de uma perspectiva mais racional para outra mais perceptual. A pesquisadora C ao realizar a pergunta em campo – “O que tu pensas sobre isso [a mãe do corpo]? – obtém a seguinte resposta: “Eu não penso, eu sinto”. Para a pesquisadora M se o objetivo da pesquisa é considerar a corporalidade, então deve-se evitar perguntas do tipo ‘o que você entende por’. O questionamento experiencial busca captar como a pessoa experimenta algo e não como ela define, entende ou pensa algo.

A pesquisadora S sugere:

[...] hacer trabajos más participativos, que el otro pueda objetivar. O sea, poner la cuestión no tanto en el modo de entrevistas, sino en un modo más dialógico [...] poner en juego esto del acercamiento y el distanciamento [...] sino también, poder objetivar con el otro las cosas, como poner esa cosa dialéctica de digamos, tanto ser parte uno de aquello de que estoy viviendo, como, poder objetivarlo con el otro [...] mimetizarse con el otro, [...] la reflexión [...].

Neste sentido a pesquisadora S explica este processo de questionamento experiencial o qual requer dos pesquisadores uma abertura e recepção sobre as vivências em campo, aliadas a perguntas diretas sobre as sensações:

hay que estar buscando sinónimos todo el tiempo, [...] recomiendo que pregunten justamente por la sensación directamente [...] que sentís? Como fueron las sensaciones? Que te paso? Cambiar nuestros términos hacia algo más experiencial. De hecho siempre les digo, pregunten por

sensaciones específicas, empezar por ahí: que sentís cuando te pasa eso? Que sentís en tu cuerpo? Como te sentís después de tal cosa?

Analisando as entrevistas com estas pesquisadoras emerge ainda a técnica da *descrição imediata*. Trata-se de uma descrição focada não somente no detalhamento da significação das situações, mas também na descrição do que está acontecendo, tentando captar seu caráter imediato. Segundo a pesquisadora M, o pesquisador deve deixar de se preocupar com o significado das coisas, passando a se preocupar com a ação das pessoas “ou como que elas fazem”. O imediato significa atentar e descrever o que está acontecendo em termos de mudanças na forma de organização e da relação das pessoas com o espaço, com outras pessoas (corpos) e outros objetos (entrevista, pesquisadora M).

Sobre o registro utilizado nessa descrição imediata a pesquisadora K considera, baseada em sua experiência, que poderia ter usado recursos visuais alternativos além dos diários de campo: “nós pegamos grupos de estudantes de mestrado para visitar o prédio onde nós mostrávamos e discutíamos com eles sobre o uso do espaço (campo) e facilidades administrativas [...] eu somente mantenho os diários de pesquisa e gravações. Agora eu penso que os métodos visuais teriam sido úteis.”

A pesquisadora S também reforça a utilização de recursos alternativos para o registro dos acontecimentos além da descrição imediata em diário de campo, como o uso de recursos de vídeo, desenhos feitos pelo pesquisador e fotografias. Como expôs na entrevista:

El gran problema es que uno no puede anotar todo. Siempre que pude utilicé la video [...] Después de la situación, ponerse uno a escribir y tratar de recordar estas cuestiones de los cuerpos. Como que el registro tenga también corporalidad, que no sea un registro solo de sentidos, sino comunicar que pasaba con los cuerpos [...] dibujos tuve que hacer mucho con la gente, para ver los pasos y las coreografías, usar el cuerpo para hablar y si, siempre el gran desafío es después en el análisis, como dar cuenta de ese material [...] toda esa experiencia y pongo las fotos[...]

A pesquisadora D mobilizou a descrição imediata em sua pesquisa, ao analisar o que os bailarinos fazem em relação aos outros colegas, a si mesmo em um ambiente de treino/ensaio espelhado. Mesmo sendo também bailarina há muitos anos a pesquisadora D percebe (estranhou, na linguagem etnográfica) o constante olhar dos bailarinos sobre si mesmos e aos

outros, diretamente ou pelo espelho, associando essas práticas cotidianas a uma “checagem” dos bailarinos em relação ao atingimento (ou não) de determinada expectativa estética.

Além disso, as práticas são mobilizadas, segundo a pesquisadora M, a partir de certos eventos, ou utilizando o termo da pesquisadora D, a partir de determinado contexto. A pesquisadora D pontua que o estudo da corporalidade não se refere apenas a uma descrição dos movimentos, mas sim a uma descrição do caráter imediato dos movimentos (pessoa-corpo, objetos, espaço), uma análise da vivência das pessoas no mundo levando em “consideração seu contexto cultural”. Um relato dessa pesquisadora é ilustrativo dessa descrição imediata, requerendo a consideração daquilo que se está praticando, sem perder de vista a importância do contexto:

Os bailarinos curvavam as costas algumas vezes demonstrando cansaço perante mudança da tabela de horários ou quando estavam exaustos no final do ensaio ao saírem de cena, [...] quando recebiam alguma correção da diretora no começo do dia. Portanto, para definir a ocorrência deste mesmo movimento realizado em duas situações diferentes decidi considerar o contexto do acontecimento como um todo para poder tentar entender este movimento *embodied* (entrevista, pesquisadora D).

Quando se fala da fase empírica de uma pesquisa, a ideia de se ‘ir a campo’ está tradicionalmente orientada à atividade de ‘coletar’ dados ou informações. Pressupõe-se um maior afastamento entre pesquisador e pesquisado, validando a dicotomia pessoa e objeto, sustentada pela modernidade ocidental. Quando se fala de uma pesquisa etnográfica, um pouco dessa ideia de ‘coleta’ é substituída por uma compreensão sobre uma ‘interação’ com o campo – principalmente a partir de Geertz (2005) – uma vez que o pesquisador não é apenas alguém inserido no campo para ‘coletar o dado’, pois ‘o dado’ se apresenta muitas vezes a partir desse processo de interação pesquisador-pesquisado. Uma pesquisa que considera a corporalidade, por outro lado, parte de um referencial fenomenológico e segue o princípio básico da quebra das dicotomias, entre elas a de sujeito e objeto, além da de corpo e mente.

A pesquisa empírica que se propõe a trabalhar o tema da corporalidade deve ser compreendida como algo que é mais do que um simples meio de pesquisa. Ela é a instância na qual a experiência humana está acontecendo e sendo progressivamente experimentada pelo pesquisador e pelo pesquisado. Dentro deste contexto, pelo menos três tipos de desafios técnicos são vivenciados pelos pesquisadores: Como observar além da faculdade visual? Como formular perguntas adequadas para captar a riqueza corporal das práticas? Como

descrever as práticas de forma a captar não somente os significados, mas também as experiências corporais? Para cada um desses desafios, foram formuladas e descritas técnicas da pesquisa focada na corporalidade como: a observação sensorial, o questionamento experiencial e a descrição imediata.

2.4 Análise do Material Empírico (Refletindo sobre os Resultados da Relação de Pesquisa)

Em pesquisa qualitativa com forte tendência interpretativa, o processo de reflexão sobre o material empírico ocorre desde a pesquisa de campo (Prasad e Prasad, 2002; Alvesson e Skoldberg, 2009). Em uma pesquisa etnográfica que busca considerar a corporalidade, não é possível separar claramente a interação com o material empírico do processo de análise e interpretação. Dois desafios se apresentam ao pesquisador que busca refletir sobre os resultados da pesquisa. O primeiro refere-se a **re-construção** de sentido com base não somente em uma análise dos significados, mas também das corporalidades. O segundo é a **re-contextualização** das corporalidades.

A **re-construção das corporalidades** se refere ao esforço do (a) pesquisador(a) em analisar e interpretar as corporalidades vivenciadas no campo empírico, ou seja, neste momento do processo de pesquisa busca-se a organização do conhecimento abstrato, reflexivo sobre as corporalidades no sentido da formatação de um texto acadêmico. Fala-se de re-construção, pois a construção das corporalidades ocorreu em um momento anterior, na vivência com o campo empírico. Resta a esse momento de pesquisa a reflexão sobre o material empírico obtido com as técnicas sensíveis de pesquisa ou até mesmo um “retorno” à memória (inclusive sensorial) do pesquisador no intuito de se re-construir, na forma de texto acadêmico, as corporalidades experienciadas pelo pesquisado, em um contexto que inclui o pesquisador, o contexto social, organizacional e de trabalho.

O processo de re-construção das corporalidades se apresenta a partir de uma imbricada relação entre material teórico e material empírico. A pesquisadora C comenta essa relação quando fala da diferença entre a ‘mãe do corpo’ como um ‘dado etnográfico’ e da ‘mãe do corpo’ como um ‘processo de corporificação’: “a mãe do corpo surgiu para mim [...] como um dado etnográfico, mas como é que ela surgiu para mim como um problema eu acabei pensando daquela maneira, como um processo de corporificação, aí essa daí foi um caminho teórico que eu percorri.”. A pesquisadora T relata uma situação de pesquisa que também exemplifica essa relação imbricada entre teoria e empírico no processo de reflexão final sobre

a pesquisa de campo. Ao ser questionada sobre a primeira vez que ela teria percebido a corporalidade em seu campo empírico de pesquisa, T responde:

[...] percebi o *embodiment* já no trabalho empírico, por exemplo, quando me dou conta da questão da corrida dos vendedores e minha própria corrida pela loja [...] a denominação mais teórica de que esse hábito de correr pela loja era uma prática cultural *embodied* ocorreu mais propriamente na fase de análise. Eu atribuo essa possibilidade de denominação daquela prática observada empiricamente como algo *embodied*, como algo advindo de maiores leituras e de um amadurecimento sobre a teoria do *embodiment*, o que só veio a ocorrer na fase de análise.

Essa relação imbricada entre teoria e empírico em um contexto de análise das corporalidades se também se apresenta nos documentos (artigos, dissertação) das pesquisadoras entrevistadas. Neste caso é a utilização de um outro referencial teórico – não necessariamente de corporalidade – a partir do qual o estudo das corporalidades irá se organizar. A pesquisa do ritual extratrabalho, da pesquisadora T, por exemplo, demonstra a utilização dos estudos de rituais tanto da Antropologia, quanto da Administração, a partir de uma perspectiva diferenciada, quer seja: da compreensão do ritual como uma experiência. A pesquisadora D, por outro lado, busca estudar em sua dissertação a corporalidade da identidade, usando para isso os estudos de identidade nas Ciências Sociais e também na Administração.

A pesquisadora M, por sua vez, buscou estudar questões pertinentes à disciplina da Antropologia da Religião – como a questão da possessão, por exemplo – a partir de uma perspectiva diferente daquela que predominava nessa área de estudo: “Ao invés de tratar [possessão] como um discurso que é, digamos assim, era o que dominava na área de trabalhos acadêmicos em Antropologia [...] Eu queria pensar possessão enquanto uma prática, enquanto uma prática corporal.”. Desse modo, mesmo que tradicionalmente estudadas a partir de um paradigma abstrato-representacional-mental – rituais antropológicos e organizacionais, identidade nas organizações, possessão em contexto religioso – as mais diversas teorias poderão ser utilizadas no sentido de auxiliarem os (as) pesquisadores (as) no processo de reflexão, análise, re-construção das corporalidades de seu campo empírico.

O segundo desafio se apresenta aos pesquisadores das corporalidades no momento da reflexão sobre o material advindo da sua vivência com o campo é a **re-contextualização** das corporalidades. Aqui se repete a ideia de que o prefixo ‘re’ se coloca a partir de uma situação no qual o contexto de pesquisa foi vivenciado em um momento anterior (vivência do campo)

e, nesta fase de reflexão, resta o esforço do pesquisador no sentido de re-contextualizar, ou seja, refletir sobre o contexto no qual as corporalidades ocorreram e, a partir daí, constituir uma ‘análise das corporalidades’ e não apenas uma ‘análise de movimentos corporais’.

A pesquisadora S esclarece sua experiência ao re-contextualizar as vivências em campo:

cuando yo intento reconstruir esas danzas del pasado con las comunidades indígenas [...] empezaban a salir cosas desde los cuerpos, [...] desde los gestos, de las miradas, de empezar a mover un poco, hacer un dibujo, por eso esa idea de que eran memorias que estaban en el cuerpo, que tal vez no llegan a verbalizarse como un contenido discursivo pero están presentes en la corporalidad, y uno como investigadora [...] ésta cuestión del *embodiment* como ver estos pequeños indicios que se aparecen en los cuerpos y no en los discursos.

Para entender estes pequenos indícios da corporalidade, como por exemplo, uma postura curvada de um bailarino, deve-se entender o contexto no qual essa postura ocorre, ou seja, tanto o contexto mais específico do campo – ocorreu após o término da coreografia? Ocorreu depois de uma determinada ação corporativa? – quando um contexto sócio-histórico-cultural mais amplo – Qual é história do *ballet*? Que valores sócio-culturais impregnam a postura curvada? De acordo com a pesquisadora D, os pesquisadores devem levar “em consideração a vivência das pessoas no mundo e a partir disso analisar seus movimentos” o que, na observação final da pesquisadora “é diferente de analisar o movimento por si só” (entrevista, pesquisadora D).

O processo de reflexão sobre a experiência de um campo de pesquisa fundado na corporalidade parece acionar dois desafios: a reconstrução e a re-contextualização das corporalidades. Para elaborar a reconstrução da corporalidade o pesquisador deve se valer de uma compreensão prévia do tema da corporalidade (epistemologia e ontologia), assim como poderá utilizar um outro referencial teórico de apoio às suas análises (rituais, identidade, religião). O pesquisador terá também o desafio de pensar de forma sistemática nos elementos contexto do campo de pesquisa – processo de recontextualizar – buscando o conhecimento produzido pelas práticas e experiências, de modo a não se restringir a uma análise de ‘movimentos corporais’, mas sim da ‘corporalidade’ das pessoas no campo. A análise dos materiais teóricos, o material empírico advindo do uso de ‘técnicas sensíveis’ de pesquisa e, ainda, a consideração do contexto de pesquisa, todos esses elementos integrados, visam (re)produzir um conhecimento abstrato sobre as corporalidades do campo de pesquisa.

Conclusão

No presente artigo discutimos o desenvolvimento sobre o tema da corporalidade a partir de pesquisas teórico-empíricas e sua importância a partir da evolução da dimensão metodológica de construção desse tipo de conhecimento. Até o momento são poucos os trabalhos dedicados exclusivamente a esse debate (Pink, 2009; Citro, 2002, 2009). Por isso, depois de constatar a centralidade da abordagem etnográfica na pesquisa sobre corporalidades, este artigo buscou conhecer a experiência de seis pesquisadoras especialistas sobre corporalidades e etnografia. As experiências teórico-empíricas dessas pesquisadoras foram obtidas a partir de documentos – trabalhos publicados – e entrevistas semiestruturadas.

Tal material serviu como base para a discussão da dimensão metodológica da pesquisa da corporalidade, assim como para a formulação de sete desafios de pesquisa. Tais desafios foram organizados em três momentos da pesquisa qualitativa: a compreensão da relação de pesquisa (planejamento da pesquisa), a vivência da relação de pesquisa (campo empírico) e a reflexão sobre os resultados oriundos da relação de pesquisa (análise e interpretação).

Dentro do momento de planejamento, o conhecimento e a experimentação prática da epistemologia da corporalidade são dois desafios de ordem epistemológica. Um envolve a leitura e o outro a vivência da pesquisa de acordo com a leitura. No momento de vivência, três técnicas foram destacadas como desafios: a observação sensorial, o questionamento experiencial e a descrição imediata. Cada desafio refere-se à interação direta do pesquisador, vivenciada em campo. Dentro do momento de reflexão, a reconstrução e a re-contextualização das corporalidades foram os desafios enfrentados pelo pesquisador para sofisticar a produção do conhecimento com base na corporalidade.

Os desafios enfrentados pelo pesquisador de ordem epistemológica, técnica e analítica expandem e aprofundam as preocupações metodológicas as quais até então se limitavam no relacionamento subjetivo e difuso entre pesquisador e pesquisado. A consideração da corporalidade e de seus desafios permite ao pesquisador refinar sua análise e produzir um tipo de conhecimento acadêmico mais sensível aos aspectos experienciais da existência humana.

O refinamento metodológico pela inclusão da corporalidade pode permitir uma melhor aproximação entre produção teórica e prática no campo de pesquisa. Se metodologicamente a corporalidade é considerada, isso se deve a preocupação do contato direto do pesquisador com o ocorrido, quando acontece e com os participantes ativos do ocorrido. Ou seja, evitam-se discursos e privilegiam-se vivências, contextualizadas e experimentadas coletivamente. Nesse sentido, a produção do conhecimento tem como base informações de forma a não hierarquizar

e isolar uma dimensão (a significação, a representação) em detrimento de outra. O conhecimento produzido tem, por conseguinte, mais chances de teorizar sobre uma prática de forma sutil e efetiva.

* Agradecemos o apoio do CNPq na realização desta pesquisa, bem como a valiosa contribuição das seguintes pesquisadoras: Silvia Citro, Karen Dale, Ceres V́ictora e Miriam Rabelo.

Referências

ACKER, J. Hierarchies, jobs, bodies: a theory of gendered organizations. **Gender & Society**, v.4, n.2, June, p.139-158, 1990.

ALVESSON, M. **Qualitative research and theory development: mystery as method**. London: Sage Publications, 2011.

ALVESSON, M.; SKOLDBERG, K. **Reflexive methodology**. London: Sage Publications, 2009, 139 pp.

ATENCIO, M.; WRIGHT, J. ‘Ballet it’s too whitey’: discursive hierarchies of high school dance spaces and the constitution of embodied feminine subjectivities. **Gender and Education**, v. 21, n. 1, p. 31-46, Jan. 2009.

BAHNISCH, M. Embodied work, divided labour: subjectivity and the scientific management of the body in Frederick W. Taylor’s 1907 ‘lecture on management’. **Body & Society**, v.6, n.1, p.51-68, 2000.

BALL, K. Organization, surveillance and the body: toward a politics of resistance. **Organization**, v.12, n.1, Jan, p.89-108, 2005.

BARRY, D. e HAZEN, M. A. Do you take your body to work? In: BOJE, D. M.; GEPHART JR., R. P. e THATCHENKERY, T. J. (Org.). **Postmodern management and organization theory**. Thousand Oaks: Sage Publications, p.140-153, 1996.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, p.13-35, 1989.

CITRO, S. De las representaciones a las prácticas: la corporalidad en la vida cotidiana. *Acta Americana. Revista de la Sociedad Sueca de Americanistas*. v.10, n.1, p. 93-112 2002.

CITRO, S. Memories of the ‘‘Old Aboriginal Dances’’: The Toba and Mocoví Performances in the Argentine Chaco. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, v. 15,

- n. 2, p. 363–386. ISSN 1935-4932, online ISSN 1935-4940. & 2010 by the American Anthropological Association. All rights reserved. DOI: 10.1111/j.1935-4940.2010.01090.x
- CITRO, S. Ritual Transgression and Grotesque Realism in 1990s Rock Music. En: **Youth Identities and Argentine Popular Music**. Beyond Tango. Edited by Pablo Semán and Pablo Vila. Palgrave Macmillan, p. 25-53, 2012.
- CITRO, S.; ASCHIERI, P. e MENNELLI, Y. An Ethnographer among the Bersuit. **Revista Colombiana de Antropología**. El multiculturalismo en los cuerpos y las paradojas de la desigualdad pós-colonial. (2011, en evaluación)
- CITRO, S. La eficacia ritual de las performances en y desde los cuerpos. **Ilha**. Universidad de Buenos Aires, Argentina. p. 61-93, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/2175-8034.2011v13n1-2p61>
- CITRO, S. e ASCHIERI, P. **Cuerpos en Movimiento; Antropología de y desde las Danzas**. Editorial Biblos, Culturalia. 1ª Ed. Buenos Aires: Biblos, 2012. 344p.
- CITRO, S. **Cuerpos Significantes. Travesías de una etnografía dialéctica**. Editorial Biblos, Buenos Aires, 2009. 352 p.
- CORBETT, Martin J. Scents of Identity: Organisation Studies and the Cultural Conundrum of the Nose. **Culture and Organization**, Sept., v.12, n.3, p. 221-232, 2006.
- CROSSLEY, N. Merleau-Ponty, the elusive body and carnal sociology. **Body & Society**, v.1, n.1, p.43-63, 1995.
- CSORDAS, Thomas J. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. The 1988 Stirling Award Essay. **Ethos**, v.18, p.5-47, 1988.
- CSORDAS, T. J. **Embodiment and experience: the existential ground of culture and self**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, 294 pp.
- DALE, K. **Anatomising Embodiment and Organisation Theory**. Basingstoke: Palgrave, 2001, 249 pp.
- DALE, K. Building a social materiality: spatial and embodied politics in organizational control. **Organization**, v.12, n.5, p.649-678, 2005.
- DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S. The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S. (orgs.) **Handbook of qualitative research** (2nd edition). Thousand Oaks: Sage Publications, p. 1-33, 2000.
- DORNELLES DE ALMEIDA, D. **Identidade física, pessoal, institucional e espiritual: etnografia embodied de uma companhia de ballet**. (Mestrado em Administração e Negócios). Programa de Pós-Graduação em Administração e Negócios, FACE, PUCRS, Porto Alegre, 2012. 168p.

DORNELLES DE ALMEIDA, D.; FLORES-PEREIRA, M. T. As Corporalidades do Trabalho Bailarino: Entre a Exigência Extrema e o Dançar com a Alma. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, art. 5, p. 720-738, Nov./Dez. 2013

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1966, 232 pp.

ECCEL, C. S.; GRISCI, C. L. I. e TONON, L. Representações do corpo em uma revista de negócios. **Psicologia & Sociedade**, v.22, n.2, p. 309-317, 2010.

ELTZ, D. D. **Corporalidades Kanhgág: as relações de pessoa e corpo no tempo e espaço Kanhgág**. (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. 138 p.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, p. 69-80, 1995.

FLORES-PEREIRA, M. T. **Cultura organizacional, corpo artefato e embodiment: etnografia em uma livraria de shopping center**. (Doutorado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. 206 p.

FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoa e organizações. **Revista O&S - Organizações e Sociedade**. Salvador, v.17, n.54. p. 417-438, Jul./Set. 2010.

FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo pessoa, sexo e gênero. In: FREITAS, Maria Ester de; DANTAS, Marcelo. (Org.). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo, p. 79-98, 2011.

FLORES-PEREIRA, M. T.; CAVEDON, N. e DAVEL, E. Explorando a dinâmica dos artefatos: a simbologia do corpo humano nas organizações. In: CARRIERI, A. P. e SARAIVA, L. A. S. S. (Org.). **Simbolismo organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2007.

FLORES-PEREIRA, M. T., DAVEL, E. e CAVEDON, N. Drinking beer and understanding organizational culture embodiment. **Human Relations**, v. 61, n.7, p. 1007-1026, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005, 204 pp.

GERGEN, M.M.; GERGEN, K.J. Qualitative inquiry: tensions and transformations. In: DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S. (orgs.) **Handbook of qualitative research** (2nd edition). Thousand Oaks: Sage Publications, 2000.

GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, 414pp.

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. **The new language of qualitative method**. New York: Oxford University Press, 1997, 244 pp.

HARQUAIL, Celia V.; KING, Adelaide Wilcox. Construing Organizational Identity: The role of Embodied Cognition. **Organization Studies**. Sage Pub., v. 31. p.1619-1648, 2010.

HASSARD, J.; HOLLIDAY, R. e WILLMOTT, H. (Org.). **Body and Organization**. London: Sage, 2000, 254 pp.

HETRICK, W. P. e BOJE, D. M. Organization and the body: post-fordist dimensions. **Journal of Organizational Change Management**, v.5, n.1, p.48-57, 1992.

HINDMARSH, J. e PILNICK, A. Knowing bodies at work: embodiment and ephemeral teamwork in anaesthesia. **Organization Studies**, v.28, n.9, p.1395-1416, 2007.

HOLLIDAY, R. e HASSARD, J. (Org.). **Contested bodies**. New York: Routledge, 2001.

HOLLIDAY, R. e THOMPSON, G. A body of work. In: HOLLIDAY, R. e HASSARD, J. (Org.). **Contested bodies**. New York: Routledge, 2001.

KERFOOT, D. e KNIGHTS, D. 'The best is yet to come?: the quest for embodiment in managerial work. In: COLLINSON, D. L. e HEARN, J. (Org.). **Men as managers, managers as men**. London: Sage, p.78-98, 1996.

KÜPERS, W. Phenomenology and integral pheno-practice of embodied well-be(com)ing in organizations. **Culture and Organization**, v.11, n.3, September, p.221-232, 2005.

LE BRETON, D. **Antropología del Cuerpo y Modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002a, 256p.

LE BRETON, D. **La sociología del cuerpo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002b, 112p.

LEITÃO, D. K. **O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre os usos e significados da tatuagem contemporânea**. (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. 164 p.

MATOS, O. O corpo e o poder. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v.24, n.1, p.42-44, 1984.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, 319 pp.

MCDOWELL, L. e COURT, G. Performing work: bodily representations in merchant banks. **Environment and Planning D: Society and Space**, v.12, p.727-750, 1994.

MCEVEN, K. The Embodied Work of Professional Dancers: Understandings of Pain, Injury and Health. DEPARTMENT OF SOCIOLOGY; University of Calgary, Alberta, Canada. September, 2012 154p.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas - 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 83p.

MERLEAU-PONTY, M. **Phenomenology of perception**. New York: Routledge, 2005. 576p.

- MONAGHAN, L. F. Embodying gender, work and organization: solidarity, cool loyalties and contested hierarchy in a masculinist occupation. **Gender, Work and Organization**, v.9, n.5, November, p.504-536, 2002.
- PINK, S. **Doing Sensory Ethnography**. SAGE, British Library, 2009. 165p.
- PRASAD, A. e PRASAD. P. The coming age of interpretative organizational research. **Organizational Research Methods**, v.5, n.4, p.4-11, 2002.
- RABELO, M. C. e ALVES, P. C. Corpo, experiência e cultura. XXV ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambu: **Anais ANPOCS**, 2001.
- RABELO, M. C.; MOTA, S. R. e ALMEIDA, C. R. Cultivating the senses and giving in to the sacred: notes on body and experience among pentecostal women in Salvador, Brasil. **Journal of Contemporary Religion**, v.24, n.1, p.1-18, 2009.
- RABELO, M. C. e SOUZA, I. Temporality and experience: on the meaning of nervoso in the trajectory of urban working-class women in Northeast Brazil. **Ethnography**, v.4, n.3, p.333-361, 2003.
- REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomson, 2005. 205 p.
- ROSA, A. R.; BRITO, M. J. “Corpo e Alma” nas Organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar. **RAC**, v.14, n.2, art.1, p.194-211, mar./abr. 2010.
- SCHEPER-HUGHES, N. e LOCK, M. The mindful body: a prolegomenon to future work in medical anthropology. **Medical Anthropology Quarterly**, v.1, n.1, p.6-41, 1987.
- SCHILLING, Chris. **The body and Social Theory**. SAGE Publications, 2003. 239 p.
- Organizational Research Methods**, v.5, n.1, p.4-11, 2002.
- SINCLAIR, A. Body and management pedagogy. **Gender, Work and Organization**, v.12, n.1, January, p.89-104, 2005.
- SLUTSKAYA, N. e DE COCK, C. The body dances: carnival dance and organization. **Organization**, v.15, n.6, p.851-868, 2008.
- STYHRE, Alexander. The (re) embodied organization: four perspectives on the body in organizations. **Human Resource Development International**, v.7, n.1, p. 101-116, 2004.
- TRETHERWEY, A. Disciplined bodies: women's embodied identities at work. **Organization Studies**, v.20, n.3, p.423-450, 1999.
- VAN MAANEN, J. **Tales of the Field: On Writing Ethnography**. Chicago: University of Chicago Press, 1988. 173p.

- VÍCTORA, C. G. Inside the mother's body: pregnancy and the 'emic' organ 'the body's mother'. In: LEIBING, A. (Org.). **The medical anthropologies in Brazil**. Berlin: VWB, Verlag für Wissenschaft und Bildung, v.12, p.169-175, 1997.
- VÍCTORA, C. G.; KNAUTH, D. e HASSEN, M. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo, p. 65-67, 2000.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, J. P. D. (Org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 149-204, 1987.
- WACQUANT, L. Os três corpos do lutador profissional. In: LINS, D. (Org.). **A Dominação Masculina Revisitada**. Campinas: Papyrus, p.73-96, 1998.
- WAINWRIGHT, S. P.; TURNER, B. S. Epiphanies of embodiment: injury, identity and the balletic body. **Qualitative Research**, v.4, p.311-337, 2004.
- WAINWRIGHT, S. P.; WILLIAMS, C; TURNER, B. S. Varieties of habitus and the embodiment of ballet. **Qualitative Research, London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage Pub.**, v. 6, n.4, p. 535-558, 2006.
- WAINWRIGHT, S. P.; WILLIAMS, C; TURNER, B. S. Globalization, Habitus, and the Balletic Body. **Cultural Studies Critical Methodologies. Sage Pub.**, v. 7, n.3, p. 308-325, 2007.
- YBEMA, S.; YANOW, D.; WELS, H. e KAMSTEEG, F. (Orgs.) **Organizational ethnography: Studying the complexities of everyday life**. London: Sage, 2009. 304 p.
- YOUNG, I. M. Throwing like a girl: A phenomenology of feminine Body Comportment Motility and Spatiality. **Human Studies**, v.3, p. 137-156, 1980.